



DOCES BÁRBAROS

*Direção de Jom Tob Azulay.
Com Maria Bethânia, Caetano
Veloso, Gilberto Gil e Gal
Costa. 1976. Brasil. Cor.
100 min.*

O Tropicalismo está comemorando seus vinte anos agora em 1987 e, na época, em 1976, Bethânia, Caetano, Gal e Gil, comemoravam dez anos de carreira, resolvendo formar um conjunto para se apresentar em várias cidades brasileiras. A estréia do quarteto chamado "Os Doces Bárbaros" foi no Palácio das Convenções do Anhembi, em São Paulo, com grande sucesso. Campinas e Curitiba também tiveram shows do grupo, quando em Florianópolis houve um incidente em que Gilberto Gil foi preso e internado num hospital psiquiátrico, após ser julgado e condenado por uso de tóxicos.

Depois de muita luta e expectativa, Gil conseguiu uma

autorização especial para se apresentar e lá se foram os Doces Bárbaros para o Canecão do Rio de Janeiro. O filme acompanha todos esses fatos, com a prisão e o julgamento de Gil, depoimentos de Caetano e Gil, do delegado de Florianópolis, ensaios gerais dos shows, seqüências de bastidores. Mas o clímax do filme é, sem dúvida, a série de sensacionais cenas dos shows que ficaram na história da Música Popular Brasileira, com números que vão de "Um Índio", de Caetano a "Chukberry Fields Forever", de Gil, passando por "Fé Cega, Faca Amolada", de Milton Nascimento e Ronaldo Bastos a "Atiraste uma Pedra", de Herivelto Martins e David Nasser.

OS DOCES BÁRBAROS



Qualquer tentativa de definir o trabalho de Maria Bethânia, Caetano Veloso, Gal Costa e Gilberto Gil exigirá, quando nada, uma visão sem preconceitos. Reciclar é preciso, sempre que eles estiverem em questão. Quatro magos, quatro personalidades distintas ligadas por uma postura de vida comum: doces porque bárbaros e bárbaros porque doces. Tese e antítese na busca permanente da síntese revolucionária. Os Doces Bárbaros é o resultado de uma aventura tão imprevisível quanto eles. Produtores, diretor, técnicos, suaram a camisa para acompanhar e absorver a quantidade de fatos inesperados que se sucediam na trajetória das filmagens. Em determinado momento ninguém mais tinha dúvida que um bitola de 16 mm seria pequena demais para documentar um encontro que reunia, além dos quatro baianos, elementos de forte conotação social. A partir daí, tonrou-se irreversível a perspectiva de um longa metragem que na

opinião do diretor Jomigo Azulay deixou de ser apenas um musical para se transformar num filme de reflexão política, divertido, satírico, documental, mas antes de tudo, humano.

Oito profissionais, os cineastas Alberto Cavalcanti, Cacá Diegues e Arnaldo Jabour, o jornalista e compositor Nelson Motta, o cronista Carlos Eduardo Novaes, o poeta Duda Machado, o diretor executivo da ICB, José Francisco de Sá e o gerente artístico da Phonogram, Roberto Menescal foram convidados para dar seus depoimentos. A intenção foi colocar Os Doces Bárbaros visto pelos mais diferentes ângulos, principalmente do Cinema e da Música. Ou dos dois, ao mesmo tempo, pois como escreveu Caetano Veloso (você vão ler) "Doces Bárbaros quebrou o gelo das relações entre o Cinema e a Música Popular no Brasil"

Ana Lúcia Novaes



Depoimento de Caetano Veloso

"OS DOCES BÁRBAROS" não é apenas o documentário de um lindo acontecimento: é um lindo filme.

Os músicos que viram o filme gostaram muito do som, porque podem julgar com clareza a instrumentação e a performance dos instrumentistas.

Isso não é pouco, quando estamos acostumados a não saber o que o contrabaixista está tocando nos musicais da televisão.

De todo modo, todo o mundo se encanta com os números, porque estão muito bem cortados e bem montados. A clareza e precisão da montagem me impressionaram. A tomadas de Gal, Barré e eu fazendo coro, inseridas com tanta graça e oportunidade no solo de Gil; as rápidas aparições dos pés de Gil durante a dança, em precisa continuidade de movimentos; a imagem deslumbrante de Gal no coro de "Fé Cega, Faca Amolada", surgindo sempre no momento certo de "crescer" e "brilhaaaaaaar"; o corte da passagem das estrelas de detrás da rotunda para a cena; e principalmente, o saque do movimento de Bethânia ao final de "Um Índio", quando ela dança o corpo para a frente e a gente vê o início do movimento em superclose do rosto, e sua complementação em plano geral, com Bethânia de frente, no meio do palco; em todos os lances, a montagem concorre para a criação de um clima particular em cada número.

É cada número tem seu clima cinematograficamente encontrado. Gal e Bethânia cantando o "Esotérico" é um mundo à parte, cheio de mistério, uns espaços que não pintam nos outros números. "Fé Cega Faca Amolada" é um

filme completo em si mesmo. "O Seu Amor" é um sonho. Tudo. E a impressionante visão de Bethânia cantando "Um Índio", quase todo em close, é, até o momento, a mais pungente amostra da intimidade do famoso transe de palco de Bethânia.

Eu sei que meu julgamento é apaixonado e, portanto, suspeito, mas a chamada crítica lúcida, feita em tom blasé, tão em voga, tem provado ser desastrosa. o fato é que "OS DOCES BÁRBAROS" quebrou o gelo das relações entre o cinema e a música popular no Brasil. E isso é muito, uma vez que há anos a gente vive a frustração de ver um enorme pique de criatividade no cinema brasileiro e sua incapacidade de aproveitar o riquíssimo audiovisual, que a fauna da música popular oferece.

Este filme tem, além dos melhores números até aqui filmados da música popular moderna no Brasil, o mais rico e mais profundo documento de alguns indivíduos que a produzem. Gilberto Gil flagrado num episódio difícil de sua vida, deixa ver, para além da festividade libertária, que a superfície do acontecimento possa suscitar, os labirintos que um homem superior tem que enfrentar no caminho da sabedoria. O rosto de Maria Bethânia sem pintura, no despojamento total do mito, dando uma entrevista a um jornalista qualquer, é a confirmação do mito e, possivelmente, uma das mais belas e importantes cenas do cinema brasileira de todos os tempos. Em suma, eu fico alegre e orgulhoso, que essa loucura de nós quatro nos termos juntado em DOCES BÁRBAROS tenha sido bom não só para nós e para a música, mas também para o cinema do Brasil

